

Periodização da História Militar

Luiz Paulo Macedo Carvalho*

Palestra proferida em 16 de março, na abertura do ano cultural de 1999, no auditório do IGHMB, Casa Histórica de Deodoro, Rio de Janeiro-RJ.

COMPREENDENDO A HISTÓRIA MILITAR

A História Militar, ao contrário do que muitos pensam, não é domínio exclusivo dos militares.

A História Militar não mais deve ser confundida com história dos militares nem com a mera história das batalhas. Hoje, ganhou nova dimensão, ampliando seu restrito campo de investigação de ontem. Múltiplos pontos em comum são encontrados com a História Geral e outros ramos do conhecimento.

Ao longo dos tempos, a evolução da arte militar e das instituições castrenses sempre se fez sentir na vida das civilizações. Apesar de o momento parecer inadequado diante da propalada inutilidade dos Exércitos, da generalizada abolição do serviço militar obrigatório e do desaparecimento da noção de pátria – dado a guerra ter sido ilusoriamente proscrita pelos organismos internacionais e a implantação da nova ordem

mundial – a História Militar escapou à condenação de limitar-se à história das instituições armadas e da nobre profissão de soldado.

Vale recordar que a Segunda Guerra Mundial causou 41 milhões de mortos, ou seja, da ordem de 2,3% da população mundial de então. Tais cifras mostram-se inferiores aos 11,2% do período de 1914 a 1945 e aos 10% do século XVIII, mas devemos considerar haver o efetivo demográfico do planeta se multiplicado. Precisamos ainda ter em mente que a guerra, nos dias atuais, mata mais civis do que militares. O percentual de civis entre as perdas globais foi de 43% durante a Primeira Guerra Mundial, de 63% na Segunda, de 85% nos conflitos dos anos 80, superando em muito os 30% registrados na Revolução Francesa e nas Guerras Napoleônicas, e, até mesmo, os 75% verificados na Europa nos confrontos armados do século XVIII, sem levar em conta estarem incluídos hoje, entre os combatentes, soldados e guerrilheiros.

Por outro lado, a direção suprema da guerra passou das mãos dos chefes militares para a dos líderes políticos.

* Coronel de Artilharia e Estado-Maior. Presidente do IGHMB.

Tornando-se a segurança de cada país responsabilidade do cidadão, o preparo e a mobilização do Poder Nacional impõem o esforço conjunto de todas as formas de expressão de poder – econômico, científico-tecnológico, militar, político e psicossocial.

Assim, a História Militar assumiu maior importância, viu-se inseparável do contexto histórico dos povos, ultrapassou os umbrais dos estabelecimentos de ensino militar, penetrou nas universidades dos países desenvolvidos e despertou o interesse tanto dos meios acadêmicos quanto das classes armadas.

Para melhor compreender a evolução da arte e das instituições militares através dos séculos, afigura-se impositivo termos uma idéia da periodização da História Militar. A despeito de qualquer tentativa de compartimentação didática trazer no seu bojo o risco de incorrer em erros e gerar polêmicas, permitimo-nos enfocar as sistematizações geralmente mais aceitas.

Tradicionalmente, a periodização da História Militar se faz tomando-se como referencial o aparecimento das armas de fogo, o advento de Napoleão e as idades ou épocas que balizam a história da humanidade desde o nascimento de Cristo.

O REFERENCIAL DA ARMA DE FOGO

A história da evolução da arte militar com base no aparecimento das armas de fogo é dividida em três períodos: o das armas brancas; o do aparecimento das armas de fogo; e o das armas de fogo até os artefatos nucleares.

O período das armas brancas, caracterizado por lento progresso na arte da guerra,

vai dos primórdios das civilizações de antes de Cristo até o século XIV, abarcando os povos primitivos e bárbaros e a época do feudalismo. O armamento usado pelas primeiras civilizações orientais era o pique com ponta de osso, o punhal, a maça, o machado, a espada de ferro, o arco e a flecha, o dardo, a lança com ponta de sílex ou metal, o aríete, a funda, e carros de madeira e couro guardados por dois homens – um condutor e um guerreiro.

Os gregos empregavam como armamento ofensivo espadas e piques de menor tamanho, armas leves de arremesso, arcos, fundas, dardos, lanças e *sarissas* (pique de seis metros para cavalaria); como armamento defensivo, escudo grande de madeira ou de metal de forma oval, *pelta* (pequeno escudo circular) e armadura de pano e couro forrada de lâminas de metal em escamas para homens e cavalos, aríete de ponta de bronze, *terebra* (para furar muralhas), *arpéu* (para deslocar pedras), catapultas lançadoras de pedras (célula máter da artilharia) *balista-flechas*, *piro-balistas* (flechas incendiárias) e máquinas de guerra (torres de madeira de quatro a vinte andares).

Os romanos se serviam como armamento defensivas, entre outras, do *cassis* (elmo de cimeira de bronze) ou da *galéa* (capacete de couro), da *loriga* (protetor da parte superior do corpo), da *femorale* (parte da armadura que resguarda a coxa), do *scutum* (escudo de madeira de formas variadas, revestido com pano e couro, bem como da *parma* (pequeno escudo redondo); como armas ofensivas, da espada, do *gladius* (pique), do *telum* (armas de arremesso), da lança, do *sparum* (rojão), do *iaculum* (dardo) e da *framea* (lança de ferro curta, germânica).

O período do barbarismo (do século V ao século IX) é de estagnação da arte militar,

não se verificando progresso no armamento e se restringindo o combate a luta corporal e cruel.

Durante o feudalismo (do século IX ao início do século XIV), persiste a inércia na arte da guerra. Surgiu apenas, nessa ocasião, como arma, a cavalaria. Pela extensão do seu emprego, transformou-se em instituição regida por códigos de honra, obediência, generosidade e altruísmo.

Predominavam os arqueiros e estoqueiros armados com uma espécie de baioneta encabada na extremidade de um bastão, cabendo aos franceses descobrir o emprego dos besteiros. A acha, o martelo d'arma e a adaga complementavam o armamento tradicional do período bárbaro – a espada, o arco e a lança.

O aparecimento dos canhões de mão e bombardas (Crécy – 1346), em consequência da descoberta da pólvora, marca o período de transição das armas brancas para o das armas de fogo. Dá-se o início do ataque aos castelos, voltando a guerra a choques de massas armadas.

Segue-se à colubrina (1360) a invenção das armas de fogo portáteis, nos séculos XV e XVI – o arcabuz e o mosquete.

Com Gustavo Adolfo, rei da Suécia (1594-1632) – o pai da artilharia moderna –, a guerra dá um passo à frente, levando a pólvora aos campos de batalha, por meio do canhão e do mosquete de pequeno alcance e de velocidade de tiro reduzida. Ficava, assim, o combatente, privado das armas antigas para a luta corpo a corpo, nascendo a tática moderna.

Em 1615, o armeiro francês Le Bourgeois inventou o fuzil a pederneira, ao qual seria inserida, nos meados do século XVII, a baioneta, em substituição ao pique. Somente em 1680, possivelmente Vauban de-

senolve a baioneta de anel, deixando o cano livre para atirar. O elevado custo da nova arma e o conservadorismo retardariam sua adoção pelos Exércitos europeus até 1699.

O século XVIII é perfeito exemplo de um “ciclo de invenções, triunfo, letargia e, eventualmente, desastre”, no dizer de Toynbee. Gustavo Adolfo era tomado como modelo, sem se entender que a chave do sucesso estava na combinação de armas novas com velhos princípios.

A segunda metade do século XVIII assinala o começo, realmente, da era das armas de fogo, com a ascensão de Frederico II ao trono da Prússia, em 1740, que se transformaria no árbitro da Europa e precursor de Napoleão até a sua morte, em 1786. Defensor da idéia de que “é com fogo que se ganham as batalhas”, Frederico II promoveu o grande avanço da arte militar e do material bélico. O armamento de infantaria teve aumentado o alcance e a velocidade de tiro, registrando-se a introdução da vareta (General Dessauer). A artilharia experimentou enormes aperfeiçoamentos, criando-se a artilharia de costa, de fortaleza, de sítio e de campanha a cavalo, com redução do peso das peças e aumento do alcance e da cadência de tiro. A cavalaria como arma de choque foi estruturada em *hussardos* (leve), *dragões* (pesada) e *couraceiros* (muito pesada). Começou a se delinear um sistema logístico.

No ano de 1703, o fuzil *Brown Bess*, introduzido pelo Duque de Marlborough, virou arma padrão da infantaria por 250 anos. Data dessa época o aparecimento, também, do canhão *George*.

Ao final do século XVIII, disseminava-se na infantaria o uso do fuzil a pederneira com baioneta curta, modelo 1777, calibre 17mm, alcance de 250 metros e cartucho de papel, que disparava de três a quatro tiros

por minuto. A cavalaria portava espada (reta ou curva), pistola nos coldres, mosquetão e carabina leve a tiracolo, além de lança nas mãos. A artilharia empregava canhões de bronze de alma lisa, do tipo *Gribeauval*, de 4, 8 e 12 libras, e obuses de 6 polegadas. Havia artilharia de sítio e de campanha.

No início do século XIX, durante o apogeu napoleônico, acentuou-se, cada vez mais, o aumento da potência de fogo, passando a arte da guerra por grande transformação.

Em 1819, Friedrich Krupp começou a forjar canhões raiados, em Essem, que seriam responsáveis pela derrota francesa em 1871. Na Inglaterra, apareceram os canhões *Armstrong* (1854) e *Whitworth*; na França e na Itália verificou-se, respectivamente, com Paixhans e Cavalli, uma completa revolução na artilharia, em face do carregamento pela culatra. Ao mesmo tempo, os franceses lançaram o famoso canhão *La Hitte*, raiado, no ano de 1855.

No armamento leve, o cartucho de percussão suplantaria a pederneira e ensejaria a invenção do revólver, em 1835, patenteado pelo norte-americano Samuel Colt.

Em 1827, o alemão Dreyse resolveu o problema do fuzil de agulha e ferrolho que, adotado pelos prussianos mais tarde, tornou-se o primeiro armamento de infantaria de retrocarga.

Em 1842, aparecia o primeiro modelo de fuzil de cápsula fulminante.

O sistema *Minié*, inventado em 1849 por um oficial instrutor da Academia de Vincennes, aumentava a precisão e o alcance do fuzil carregado rapidamente pela boca, tornando obsoleto o mosquete de cano liso. Em 1852, foi desenvolvido o sistema *Enfield*. Os fuzis *Minié* e *Enfield*, empregados pelos aliados, mostraram-se superiores às espín-

gardas de cano liso dos russos na Guerra da Criméia (1853-1856).

O fuzil *Chassepot* (1866), raiado e de retrocarga, com 1.200 metros de alcance, nítida imitação do *Dreyse*, induziu os franceses ao espírito defensivo e acabou substituído pelo *Gras*, em 1874.

Os norte-americanos, logo depois, produziram o fuzil *Springfield*.

O foguete à *Congreve* (Sir William Congreve) emergiu como arma mortal, evoluindo de sua limitada aplicação à pirotecnia e ocupando lugar entre o fuzil a pederneira e o canhão de campanha de 12 libras. Dada a imprecisão e a limitação do alcance de 1.500 jardas, cedo desapareceria.

O excelente sistema de artilharia de campanha *Gribeauval* (General Jean Baptiste Vaquette de Gribeauval), herança da Revolução Francesa, desencadeou a transformação absoluta da artilharia que atingiria, com Napoleão, um quarto de século mais tarde, o seu ápice. Padronizados, os canhões de alma lisa, forjados em ferro ou bronze, conhecidos por napoleônicos em homenagem a Napoleão III, dominariam o cenário das batalhas. As peças mais leves e os armões reforçados viabilizaram o atrelamento de quatro ou seis cavalos em parêlas ao invés de em coluna. Os condutores civis contratados foram substituídos por soldados.

Dois invenções – uma britânica e outra norte-americana – alterariam o futuro da guerra. Em 1784, o Tenente Henry Shrapnel, da Real Artilharia, inventaria o projétil que recebeu o seu nome, cuja explosão no ar ampliou a letalidade sobre as tropas desabrigadas no terreno. No ano de 1798, Eli Whitney, norte-americano, iniciou a fabricação em série de armamento leve.

O final do século XIX, denominado período de Moltke (Helmuth von Moltke – dinamarquês e oficial de infantaria que chefiou o Grande Estado-Maior do Exército prussiano), notabilizou-se pela transição das peças de artilharia carregadas pela boca para as de retrocarga pela culatra. Aperfeiçoaram-se os projetis perfurantes de blindagem e de fortificações ligeiras; os projetis sólidos ficaram obsoletos e cederam lugar às granadas de carga explosiva, detonadas por espoletas de tempo ou de percussão. Os canhões de alma lisa foram trocados pelos raiados. O problema do recuo das peças foi resolvido, primeiro simplesmente por molas, e, mais tarde, por sofisticados sistemas hidropneumáticos. As defesas de costa ganharam expressão.

O fuzil de carregamento pela boca foi trocado pelo de repetição. Ao cartucho oblongo *Minié* sucedeu-se o de formato cônico alongado. A pólvora sem fumaça tornou-se o propelente, tanto das armas individuais quanto da artilharia.

Nos Estados Unidos e na África, as metralhadoras *Colt* e *Gatling* varreram, respectivamente, os índios do Oeste e os negros das savanas.

Os russos repeliram os japoneses em Porto Arthur com a metralhadora francesa *Hotchkiss*.

Em 1857, o Exército francês foi armado com fuzil de percussão raiado, que perdurou até o século XX, com poucas alterações.

Na guerra de 1870, as *mitrailleuses* revelaram-se ineficazes diante dos canhões de longo alcance prussianos. Nessa mesma época, a Bélgica adotou o fuzil *Comblain*, importado, depois, pelo Exército brasileiro de então.

Minas terrestres e armadilhas foram usadas na Guerra da Secessão pelos confe-

derados. Modernos protótipos de morteiros de trincheira e granadas de mão vieram a ser desenvolvidos. Fez-se intenso uso de canhões raiados.

Os maiores progressos ocorreram na artilharia naval. Na batalha de Sinope, os russos realizaram a primeira experiência de emprego de canhões em belonaves contra os turcos, assim como constatou-se, com pleno êxito, o emprego de baterias blindadas flutuantes na Guerra da Criméia. Grande contribuição também foi dada nesse campo pela Guerra da Secessão, com a construção de encouraçados que puseram fim aos navios de madeira, minas submersas chamadas torpedos e submarinos. Os canhões de carga de dinamite a ar comprimido tiveram vida curta com o avanço dos explosivos tais como o TNT.

O despontar do século XX trouxe incomensuráveis avanços na arte da guerra ocasionados pela invenção e pelo aperfeiçoamento de novas armas. Entretanto, durante o final do século XIX, com raras exceções, presenciou-se o declínio do desenvolvimento das armas.

Na Primeira Guerra Mundial deu-se ênfase ao emprego da faca de trincheira, da baioneta, da pistola, do fuzil de repetição (*Mauser* 1898-1908), da metralhadora leve e pesada – refrigerada a água e a ar –, do morteiro silencioso, dos canhões leves de 75mm e dos obuseiros médios. A metralhadora automática, inventada pelo inglês Maxim, em 1883, transformou-se na arma mais mortífera e temida, dada a sua cadência média de 650 tiros por minuto, o alcance eficaz de 800 metros e a varredura de 150 graus. A ela seguiram-se a *Vickers* M1904, a *Maschinengewehr* 1908, a *Saint Etienne* 1907, a *Hotchkiss* refrigerada a ar e com carregador *Puteaux*, a *Lewis*, a *Browning*

M1917 e o BAR (*Browning Automatic Rifle*). O carro-de-combate apareceu como o mais importante engenho da guerra terrestre, na região de Cambrai, em 1917. O gás venenoso constituiu outra inovação letal, introduzindo o conceito de arma química, enquanto a artilharia de longo alcance alemã que bombardeou Paris teve mais efeito psicológico do que real.

O emprego do avião e dos dirigíveis nos combates, inicialmente em missão de reconhecimento, ao final da guerra transformou-se na arma mais eficaz e temível.

Os *dreadnoughts* e os submarinos, no mar, invalidaram todos os tipos de navios de guerra anteriores.

Entre as duas guerras mundiais, os alemães intensificaram as pesquisas de modos e meios de superação das deficiências que paralisaram suas ofensivas em 1918, quando próximo de alcançar a vitória. O aperfeiçoamento dos blindados era a resposta para manter a impulsão das rupturas. A *blitzkrieg* (guerra relâmpago), combinação de fogo e movimento da artilharia autopropulsada com cobertura aérea aproximada, proporcionaria o apoio de fogo necessário quando a artilharia convencional não tivesse condições de acompanhar as forças atacantes. Invenções interessantes e refinamentos técnicos decorreram da Segunda Guerra Mundial, entre os quais merecem destaque: a faca *comando*, novo tipo de baioneta, os fuzis semi-automáticos, metralhadoras automáticas (mais eficazes e refrigeradas a ar), morteiros leves e pesados, canhões anticarro e antiaéreos (destacando-se o 88mm alemão), obuses mais leves, espoleta de aproximação (*variable time*), cargas preparadas, lança-rojões, fuzis sem recuo, foguetes (após um século de esquecimento), carros-de-combate mais rápidos e

potentes, destruidores de carros, o sistema de controle e de direção do tiro da artilharia, permitindo o emassamento dos fogos, rapidamente, sobre um alvo (desenvolvido em Forte Sill), os caças, os bombardeiros, as fortalezas voadoras, os planadores e aviões de transporte, modernos navios-aeródromos, submarinos, contratorpedeiros e embarcações de desembarque. A invenção do radar e do sonar teve notável papel nas operações aero-navais. O uso da metralhadora, canhões leves, bombas, foguetes e torpedos pelos aviões modificou a arte militar. Os aviões a hélice acabaram suplantados pelas aeronaves a jato desenvolvidas na Alemanha e na Inglaterra.

Granadas de mão e lançadores de granadas adaptados a armas leves foram aperfeiçoados, bem como lunetas acopladas aos fuzis garantiram precisão a longo alcance, de parte dos franco-atiradores.

Após a Segunda Guerra Mundial, os foguetes tornaram-se a principal arma da artilharia, capazes de transportar ogivas nucleares ou de alto explosivo a qualquer ponto da Terra, variando desde os gigantes mísseis balísticos intercontinentais à bazuca do combatente individual. Os mísseis foram classificados em quatro tipos: superfície-superfície, superfície-ar, ar-superfície e ar-ar.

Armas químicas, biológicas e radioativas ameaçavam os campos de batalha, contaminando a atmosfera, a vegetação e as águas.

As minas terrestres e navais, mais sofisticadas, provocavam maiores baixas e danos.

Reduzido o peso do armamento e das viaturas de combate, propiciou-se a realização do *assalto vertical* por tropas aeroterrestres e aerotransportadas.

As guerras da Coreia e do Vietnã provaram que a baioneta ainda é de grande

utilidade, decidindo o combate corpo a corpo. A teoria do cone de fogo tomou o lugar do atirador de escol individual, levou os arsenais a retrocederem um século e meio, armando a infantaria com armas portáteis mais leves e de mais fácil remunição, capazes de disparar três tiros diferentes: uma bala de 22mm (provoca maior número de feridos do que mortos em ação); uma espécie de *shrapnel* de bolso, tipo *flechettes*, e um cartucho contendo dois projetis – retrocesso às cargas dos dias das armas não raiadas.

O carro-de-combate salientou-se na Segunda Guerra Mundial como principal arma do campo de batalha, apesar das limitações impostas às operações de mecanizados e blindados nas selvas e terrenos montanhosos, mantendo a supremacia potencial e efetiva, como ficou atestado nos confrontos Índia-Paquistão e nas guerras árabe-israelenses. A despeito da restauração parcial do equilíbrio entre as armas de infantaria e pesadas, parece que o mais eficaz adversário para os blindados é o canhão de alta velocidade do carro-de-combate e não os foguetes e mísseis guiados leves e de custo reduzido.

Embora bastante vulnerável, o helicóptero de múltiplo uso – ataque, reconhecimento, suprimento, transporte de tropa e evacuação – tornou-se a arma de combate que assegurou incalculável flexibilidade e mobilidade, através de qualquer terreno, ao combatente terrestre e deu origem à *cavalaria aérea*.

Todavia, a supremacia garantida pela arma nuclear aos seus detentores confere-lhe, ainda, destacada proeminência na evolução da arte da guerra neste final de século, acentuada pela precisão cirúrgica propiciada por material optrônico e eletrônico e computadores, comprovada nos bombardeios do

Iraque durante os últimos conflitos bélicos no Golfo Pérsico.

O REFERENCIAL NAPOLEÔNICO

Tomando-se Napoleão como referencial para a periodização da História Militar, temos a considerar três períodos: pré-napoleônico; napoleônico; e pós-napoleônico.

O período pré-napoleônico estende-se por 23 séculos, iniciando-se com a batalha de Maratona, no século V a.C., e terminando na de Valmy, em 1792, travada entre franceses e prussianos, onde Dumouriez manifestou sua inteligência e transformou a luta descoordenada e indisciplinada em um novo sistema de guerra – a defesa indireta.

Abre-se em Valmy o ciclo das vitórias francesas e dos anos de glória para as águias tricolores, mais tarde sob a liderança do gênio das batalhas – Napoleão Bonaparte.

Aceita-se a batalha de Valmy como marco para o início do período napoleônico, embora anteceda de quatro anos o aparecimento de Napoleão, por ter se dado nela a aplicação do princípio da defesa indireta das posições, com a frente invertida – princípio básico napoleônico.

A famosa barragem de artilharia desencadeada em Valmy constituiu um divisor com o passado. Goethe sentenciou: “Deste lugar e a partir desta data iniciou-se uma nova era na história do mundo e todos podem dizer que presenciaram seu nascimento.” Até então, as campanhas militares européias, com algumas exceções, ficaram conhecidas por sua lentidão e inalteráveis métodos. Procurava-se mais evitar a batalha do que obter vitória. Preferia-

se o cerco aos confrontos abertos das batalhas. Por isso, o número de baixas era menor. Valmy assinala um ponto de inflexão na evolução da arte da guerra e da organização militar, com radicais mudanças na estratégia e na tática. Primeiro, a guerra tornou-se uma causa nacional, criando os grandes Exércitos de cidadãos-soldados (nação em armas). As alterações verificadas na estrutura dos exércitos exigiam maior apoio de fogo e logístico. Fez-se imperativo dar condições para os exércitos marcharem em segurança. Daí advém a missão atribuída à cavalaria de proporcionar segurança e cobrir os flancos. A necessidade de apoio logístico, já reconhecida por Frederico, levou o soldado a carregar em sua mochila três dias de rações, os trens regimentais a transportarem oito dias de suprimento e os trens do exército um mês, além do aproveitamento dos recursos locais e da estruturação de um sistema de transporte.

No final do século XVIII, o Marechal Broglie e o Duque de Choiseul criaram a grande unidade básica, com capacidade de executar, independentemente, a manobra estratégica concebida pelo exército – a divisão.

A idéia desenvolvida de artilharia móvel a cavalo, defendida por Duteil, permitiu o emassamento rápido dos fogos e a abertura de brechas nas posições inimigas, das quais Napoleão tiraria maior vantagem.

A guerra de posição perdeu significado com a valorização da manobra, do movimento e da ordem dispersa.

O armamento individual da infantaria continuava o mesmo que perdurara até a metade do século XVI – o mosquete de alma lisa, de pequeno alcance e pouca precisão.

Segundo Clausewitz, *o que houve de revolucionário nas guerras dessa época*

não resulta de alteração no armamento e, até certo ponto, corresponde a novos métodos e táticas. Essa revolução decorre do surgimento da nação em armas, do grande aumento no efetivo dos exércitos que esse fenômeno tornou possível; e da nova política nacional que, substituindo a política dinástica ou de fronteiras, tinha a nação em armas como seu instrumento militar.

A batalha de Waterloo (18 de junho de 1815) identifica o término do período napoleônico.

Não foi tanto o que Napoleão empreendeu ou tentou realizar em suas campanhas ou batalhas que fez diferença. O que revolucionou a arte da guerra foi a sua maneira de conduzir a batalha e tirar proveito do seu clímax, bem como o emprego de esquemas de manobra simples, porém de grande alcance estratégico.

“A arte da guerra é simples, tudo é uma questão de execução”, ainda afirmava ele no fim da vida.

O impacto causado por Napoleão na arte militar, que o consagrou como mestre da guerra moderna em toda parte do mundo, está em sua absoluta confiança na concentração maciça e no emprego da força, sua insistência na vitória absoluta, na rejeição às guerras limitadas por objetivos restritos e nos princípios de guerra por ele defendidos:

1. Bater o inimigo antes que tenha conseguido concentrar as suas forças.
2. Travar a batalha com todos os meios reunidos.
3. Em presença de um adversário isolado e mais fraco, cortar suas linhas de retirada e obrigá-lo a capitular.
4. Ser taticamente mais forte, mesmo sendo estrategicamente mais fraco.

5. Assegurar as comunicações.

A flexibilidade e a versatilidade decorrentes da formação em coluna napoleônica no ataque, coberta por batedores, levou a infantaria francesa a se organizar segundo regimentos de *chasseurs a pied* (esclarecedores), de *voltigeurs* (volteadores-fuzileiros) e de *grénadiers* (granadeiros), tropa de elite composta de homens mais altos e fortes.

Na cavalaria, os *chasseurs a cheval* e hussardos tinham por missão a vigilância e o reconhecimento; os dragões valiam-se de suas montadas para deslocamentos rápidos e combatiam como infantaria quando apeados; e os *cuirassiers* (couraceiros) constituíam a tropa de choque para as cargas. Havia, ainda, regimentos de cavalaria ligeira chamados de lanceiros. A despeito dessas unidades disporem de armas de fogo, o sabre era o armamento por excelência da cavalaria.

O período pós-napoleônico começa com o desastre de Waterloo e prossegue até a encruzilhada de hoje, inaugurada com a era nuclear, em que o homem parece ter descoberto o poder de auto-destruição em massa.

DIFERENCIAL DAS IDADES

Sendo a guerra uma constante no decurso da história da humanidade, em quase todas as idades e épocas, outra modalidade de periodização da História Militar se faz por análise do grau de civilização alcançado, confundindo-se, pois, esta com a própria história do homem.

A periodização da História Militar adotando-se o critério das idades e épocas é a seguinte: Idade Antiga (4000/1000 a.C. a 476); Idade Média (476 a 1453); Idade Mo-

derna (1453 a 1789); e Idade Contemporânea (1789 até hoje).

A Idade Antiga compreende o estudo dos povos orientais (sumerianos, hebreus, babilônios, egípcios, hititas, assírios, fenícios, medas, persas, hindus e chineses), dos gregos e dos romanos. Tem como marco final a queda do Império Romano do Ocidente (476). A guerra na Antigüidade visava a escravidão dos vencidos, a destruição das cidades e o enriquecimento do vencedor. Destacam-se nesse período como figuras mais importantes: Ciro, Cambises, Dario I e III, Xerxes, Artaxerxes I e II, Milcíades, Epaminondas, Pelópidas, Alexandre, Aníbal e Júlio César.

A Idade Média, encerrada com a queda de Constantinopla em 1453, abrange os períodos das invasões bárbaras, a expansão do Islamismo, o restabelecimento e desmembramento do Império Romano do Ocidente, as invasões normandas, o Sacro Império Romano Germânico, a separação da Igreja Ortodoxa de Roma, o Feudalismo, as Cruzadas, a Guerra dos Cem Anos, o Império Otomano. Nessa época, guerreava-se para roubar, decaindo profundamente a arte militar. Salientam-se nesse período as seguintes figuras: Príncipe Negro, Duque de Orleans, Saladim, Harum al Rashid, Ricardo Coração de Leão, Carlos Magno, Gêngis Cã e Tamerlão.

A Idade Moderna, que vai de 1453 à Revolução Francesa em 1789, cobre os grandes descobrimentos e invenções, o Renascimento, as guerras religiosas, notadamente a dos Trinta Anos, a Independência dos Estados Unidos e a queda da Monarquia na França. A guerra perde o caráter feudal e ganha amplitude, sem envolver a nação. Manobra-se mais do que se combate. Longas guerras, com trocas de prisioneiros, sus-

pensão das operações no inverno e batalhas pouco sangrentas caracterizam os embates desse tempo. Sobressaem nessa época os nomes de Gustavo Adolfo, Turenne, Condé, Duque de Marlborough, Frederico, o Grande, e Suvorov.

A Idade Contemporânea estende-se da Revolução Francesa em 1789 aos nossos dias, enfocando os principais capítulos da História Militar do período napoleônico, a Santa Aliança, as guerras de libertação da América Latina e do Império Otomano, a unificação da Itália e da Alemanha, a partilha e colonização da África e da China, a entrada do Japão na comunidade internacional, as guerras da Secessão e da Tríplice Aliança, a Guerra dos Bôeres, o conflito russo-japonês, as duas guerras mundiais, a Guerra da Coréia, a Guerra do Vietnam, os conflitos árabe-israelenses, a Guerra Revolucionária da China, os conflitos ideológicos de cunho comunista, as guerras de libertação da África, a Guerra do Afeganistão, as guerras da Índia e Paquistão, as guerras do Golfo Pérsico e da Bósnia. De início, a guerra feita entre nações tem por finalidade defender a integridade e a independência, mas o fator econômico não exerce grande influência. A batalha é a maior preocupação, voltando a guerra a ser mais brutal e violenta. Crescem os efetivos e os meios empenhados. Não afeta as relações sociais. As batalhas de Marengo, Austerlitz, Waterloo, Sadowa e de Lomas Valentinas decidem as guerras em que se deram. As guerras mundiais tomam caráter universal. Surge a guerra total. Os fatores econômico e industrial fazem sentir seus efeitos na condução e conclusão da guerra, exigindo desmedido esforço das nações envolvidas. As ideologias se fazem presentes nos conflitos, motivando os exércitos de massa. Notabilizam-se como principais

personalidades desse período: Napoleão Bonaparte, Gribeauval, Jomini, Clausewitz, Moltke, Lee, Grant, Stonewall, von Schliffen, Ludendorf, Falkenhayn, Joffre, Foch, Haig, Pershing, Frunze, Churchill, de Gaulle, Marshall, MacArthur, Eisenhower, Bradley, Patton, Montgomery, Alanbrooke, Slim, Guderian, Manstein, Rommel, Zukov, Timoshenko, Mao tse Tung, Giap, Beaufre, Moshe Dayan, Schwartzkopf etc.

REFERENCIAIS DIVERSOS

Enquanto o suíço Jomini dedicou-se à estratégia militar, o prussiano Clausewitz voltou-se para o desenvolvimento da teoria da guerra, ocupando-se dos aspectos básicos dos conflitos entre as nações.

Coube a Jomini, o conhecido *adivinho de Napoleão*, a divisão da História Militar em três grandes categorias: História das Batalhas; História da Arte da Guerra; e História Político-Militar.

Como a História Militar cobre um vasto espectro de acontecimentos, muitos autores do passado e do presente tendem a enfocá-la, ainda, segundo outras diferentes abordagens, centradas na figura dos generais, nas batalhas, na tipologia das guerras, nos níveis de violência alcançados, nas causas e conseqüências dos conflitos. Julgamos tais divisões um tanto delicadas, por sermos de opinião que o amplo campo da História Militar não a restringe a esses tópicos.

No nosso entender, a História Militar resume-se na interpretação dos fatos comprovados como verdadeiros a fim de se tirar ensinamentos para a humanidade e indicar tendências para o futuro.

Para finalizar, permitam-nos lembrar as palavras de von Schliffen:

Diante de qualquer oficial que deseje ser um grande capitão há um livro aberto intitulado História Militar. Reconheço que sua leitura nem sempre é interessante ou divertida, por isso é necessário ir abrindo caminho através uma série de direções difíceis. Porém, por trás de tudo isso encontram-se fatos concretos que freqüentemente entusiasmam, e no fundo aparece a noção exata de como ocorrem as coisas, como deveriam ocorrer e como ocorrerão no futuro.



BIBLIOGRAFIA

- ACADEMIA MILITAR DAS AGULHAS NEGRAS. *História da Doutrina Militar*. Resende, 1978.
- ALBUQUERQUE, Caetano M. de F. *Diccionario Technico Militar de Terra*. Lisboa: Typographia do Anuario Commercial, 1911.
- BOUTHOU, Gaston, CARRÈRE, René. *O Desafio da Guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1979.
- CASTRO, Adler Homero F. de, BITTENCOURT, José Neves. *Armas: ferramentas da paz e da guerra*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1991.
- CORDOLINO de Azevedo, Pedro. *História Militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1998.
- CORVISIER, André. *Dictionnaire d'Art e d'Histoire Militaires*. Paris: Presses Universitaires de France, 1988.
- DUPUY, R. Ernest, DUPUY, Trevor N. *The Encyclopedia of Military History from 3500 B. C. to the Present*. Londres: Macdonal & Jane's, 1977.
- ESCOLA DE COMANDO E ESTADO-MAIOR DO EXÉRCITO. *A Evolução da Arte da Guerra*. Rio de Janeiro, 1979.
- ESCUELA SUPERIOR DE GUERRA. *Manual de História Militar*. Buenos Aires, 1980.
- LIDDELL HART, B. H. *As Grandes Guerras da História*. São Paulo: IBRASA, 1963.
- MANUCY, Albert. *Artillery through the Ages*. Washington, D.C.: US Department of the Interior, 1949.
- PARET, Peter. *Makers of Modern Strategy*. New Jersey: Princeton University Press, 1986.
- PORTELLA Ferreira Alves, Joaquim Victorino. *Seis Séculos de Artilharia*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1959.
- WEIGLEY, Russel F. *Novas Dimensões da História Militar*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército Editora, 1981.